

O 'SEXO VARONIL':

As Representações de Homem na Bahia dos Oitocentos.

Joel Nolasco Queiroz de Cerqueira e Silva.¹

Resumo: Por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural, dos estudos de Gênero e das teorias que permitem a *interface* entre História e Literatura, sobretudo, os defendidos por John Scott, Sandra Pesavento, Roger Chartier e Antônio Candido este texto identifica e descreve, de forma densa, as características físicas e comportamentais, que faziam parte do perfil ideal de homem para a contração do matrimônio na literatura baiana e brasileira dos oitocentos, principalmente, nas teses de doutoramento da FMB, nos escritos de Lino Coutinho e na literatura machadiana. Desta forma, foi possível construir um retrato sumário do ideal de homem proferido na Bahia do século XIX, que se apresentava também em outros campos intelectuais brasileiros.

Palavras-Chave: Gênero; Homem; Perfis Ideais.

Os documentos produzidos pelos médicos sobre as representações de homem, na Bahia dos oitocentos, não foram tão pormenorizados como os produzidos sobre as mulheres. As teses de doutoramento da FMB se dedicavam ao sexo feminino com tanto afinco, que me faz pensar que os esculápios subestimavam os estudos sobre seu próprio gênero, sobretudo, no que se refere a seus caracteres físico-psicológicos e comportamentais. Também, na literatura de ficção as descrições são menos densas e aprofundadas. Mesmo o detalhista Machado de Assis parece ter economizado a pena ao descrever o gênero masculino em suas obras, para falar mais sobre as mulheres, suas principais leitoras. Tal situação pode se justificar no desejo dos homens de entenderem o outro, que para eles era um mistério, mas, sobretudo, pelo anseio de construir um imaginário de mulher, frágil física e psicologicamente, que justificasse o direito de tutela e dominação do 'Sexo Varonil' sobre o 'Belo Sexo'.

De qualquer forma, apesar dos escritos sobre os homens não serem tão detalhistas como os das mulheres isso não significa que não existissem. Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos*, descreveu um grupo social muito prestigiado de cavalheiros do século XIX. Os chamados 'Leões do Norte', filhos dos ricos senhores de engenho

que iam estudar na cidade e se constituíam em um dos alvos prediletos das senhorinhas quando se pensava em constituir um contrato matrimonial. Segundo Freyre, esses homens eram representações perfeitas da tirania da elegância. Costumavam andar sempre muito cheirosos, com perfume na barba, cabelo e lenço. Valorizavam um vestuário rico e extravagante, que fosse capaz de evidenciar sua superioridade econômica e posição social. Sempre muito ornamentados, com relógios presos as correntes de ouro e tetéias presas a essas. Os dedos repletos de anéis de ouro que se confundiam com o castão da bengala. E seus penteados, sempre bem feitos, só não chamavam mais atenção que os cortes das barbas. Tal extravagância de vestuário e expressão de vaidade só se igualava aos existentes nas sinhás. Porém, diferenciavam-se destas pelo fato de seus ornamentos expressarem uma virilidade agressiva, confirmada pelas maneiras e pelo vozeirão.ⁱⁱ

Com tanta ostentação de poder econômico e de comportamentos dito civilizados, esses filhos da elite agrária – da qual se destacava a pernambucana e a baiana – se tornavam o objeto de desejo dos pais das sinhás, visto que o primordial critério imposto pelas famílias de elite, no momento de escolha do cônjuge era o financeiro. Porém, o que chama a atenção é um relato que evidencie excessivo cuidado com a vaidade, por parte desses jovens, o que se aproxima com o exposto pelos médicos quanto às mulheres, no que tange ao suposto desejo que essas tinham em relação ao luxo e a ostentação. Podemos inferir que, os homens de elite não eram tão diferentes das sinhás, quanto ao nível de vaidade. Contudo, acredito que esse cuidado com a forma de se vestir e comportar fosse fruto das novas normas de civilidade que foram sendo impostas ao longo do século XIX, bem como do fato das elites brasileiras estarem acostumadas a ostentar o luxo e o poder econômico como forma de distinção social.

Na Bahia, encontramos um retrato sumário do homem que seria o ideal. Lino Coutinhoⁱⁱⁱ, em seu manual de educação, escreveu para sua filha Cora aconselhando-a sobre a escolha do esposo. Segundo o ilustre médico e político a filha devia ser guiada por critérios higiênicos, morais, religiosos e patrióticos para a escolha do marido.^{iv} Observem que algo chama atenção nesse momento: o direito de escolher o esposo. Permissão incomum entre os pais da elite baiana, o que pode ser explicado pelo fato de Coutinho não ter sido exatamente um filho da elite, pelo menos não de origem, e ter uma formação mais liberal. Segundo Coutinho, esse homem devia ser fisicamente esbelto e sábio. Um típico exemplo do melhor que seu sexo podia oferecer. Aconselhava, sobretudo, que ele tivesse traços comportamentais mais varonis do que

femininos. Isso porque, um homem com comportamentos femininos não só seria mesquinho e doentio com a esposa, mas, também, só seria capaz de produzir filhos caquéticos e fracos, que não seriam capazes de vingar.^v

Observa-se nesse ‘conselho’ a emersão de critérios ligados as ditas ciências da Higiene e da Eugenia, no momento em que condicionava a escolha do cônjuge à intenção de reprodução de crianças fortes, que um pai franco não seria capaz de gerar. Surge, ainda, a valorização de um homem varonil e, portanto, diferente da mulher, que era frágil e sensível. A sua forma dura de criticar os homens mais delicados, chamando-os de doentios e mesquinhos, fez-me questionar que espécie de homem Coutinho estava a censurar: os homens românticos, sensíveis e delicados, mas heterossexuais, usando um termo mais atual, ou os homossexuais? Independente de ser um ou outro tipo, apesar de parecer ser o segundo, fica evidente tanto pela exposição de Coutinho como pela de Freyre, que o homem devia ser forte, inteligente e agressivo, distante de comportamentos delicados, considerados próprios das mulheres.

Preocupando-se com a maturidade psicológica dos homens, mas, também, com o tempo de vida do marido de sua filha, que devia ser o suficiente para educar e cuidar dos filhos, provavelmente como mantenedor da casa, Coutinho aconselhava Cora a casar-se com um homem que tivesse entre dezoito e vinte e cinco anos de idade:

[...] antes não teria o devido assentamento e reflexão para ser bom companheiro e desvelado pai de família, e mais tarde já teria perdido algum tempo para bem educar os filhos e arranjá-los em sua vida.^{vi}

Quanto aos critérios morais, orientava pela escolha de um homem que tivesse sido um bom filho e amigo. Um ser de conduta honesta, que, preferencialmente, pensasse no bem coletivo, respeitando as regras sociais e a legislação do país, de tal forma a ser um bom cidadão e “amigo da pátria”.^{vii} Será que Coutinho estava à defender um ideal nacionalista ou apenas a ideia de um ser respeitoso as leis e as regras morais, além de consciente de seu papel social? Acredito que, devido a sua tendência liberal, do iluminismo italiano, ele estivesse a falar de um ideal nacionalista, não só no que tange a ser um bom cidadão, mas, também, um guerreiro da pátria.^{viii}

Coutinho praticamente implorava a filha que não se sacrificasse a um ser pouco dotado de instrução e inteligência, porque isso seria o caminho para uma vida contrafeita. Ele defendia, portanto, a escolha de um homem que não sendo um sábio, o que seria o ideal, fosse pelo menos um espírito ilustrado, pois nada seria mais custoso a uma mulher espirituosa do que aturar um homem ignorante, incapaz de se conduzir e de

educar moral e intelectualmente os filhos.^{ix}

Observa-se, aqui, a valorização da capacidade intelectual e da formação educacional na hora da escolha do cônjuge. Não somente devido ao fato de ser o pai responsável pela educação dos filhos, mas, também, em respeito à relação conjugal e a mulher, visto que a convivência de uma mulher intelectualizada com um homem não ilustrado se tornaria difícil e pesada. Isso se devia, também, a critérios eugênicos, pois se acreditava que a capacidade intelectual seria transmitida aos filhos pelos pais.

Por fim, o último dos critérios é o que mais me surpreende. Lino Coutinho se colocava contrário à supervalorização do financeiro no momento de escolha do cônjuge, como defendia a maioria dos membros da elite baiana. Ele considerava mais coerente a escolha de um homem pobre, mas ajuizado, do que um rico sem juízo e imoral. Justificava tal desígnio, pelo fato do primeiro ainda poder ganhar alguma fortuna e ajudar a mulher nas suas obrigações familiares, enquanto o segundo ter como único dom a capacidade de dilapidar a herança, além de ser um estorvo à vida conjugal.^x

Assim, verifica-se que, no momento da escolha conjugal, Coutinho colocava as questões ligadas a origem social e financeira do esposo abaixo de qualidades como: sabedoria, moralidade, amizade, constituição física e intelectual. Contudo, não alienava do homem a necessidade de servir como cabeceira da casa, visto que os homens ajuizados e sábios seriam capazes de ganhar alguma fortuna.^{xi} Essa concepção seria resultado do seu próprio histórico de vida, que se aproxima desse ideal.^{xii} Assim, Coutinho aconselhava a escolha de um homem com saúde perfeita, robusto, masculinizado e bem distante de um Adônis afeminado. Um ser que se destacasse pelo caráter e inteligência, sendo, portanto, honesto e comedido em suas palavras e ações. De preferência um nacionalista. Enfim, um homem que fosse capaz de fazer uma mulher feliz, por ser protetor, amigo e fiel, mas, sobretudo, um exemplo para seus filhos.^{xiii}

O fato de Coutinho ter legado as questões financeiras uma posição secundária no momento de escolha do cônjuge, não significa que esse critério não aparecesse em outras fontes de forma supervalorizada. Machado de Assis ao falar do *status* social de um homem elencou diversas características que o fazia digno de respeito. Ao discorrer sobre o Conselheiro Vale, por exemplo, chamou atenção para sua posição socioeconômica, associando a quantidade de dinheiro à quantidade de aventuras amorosas:

[...] posto não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade, pelas relações adquiridas, cabedais, educação e tradições de família. Seu pai fora magistrado no tempo colonial, e figura de certa influência na corte do último vice-rei. Pelo lado materno descendia de uma das mais distintas famílias paulistas.

Ele próprio exercera dois empregos, havendo-se com habilidade e decoro, do que lhe adveio a carta de conselho e a estima dos homens públicos.

[...]

A reputação dos homens amorosos parece-se muito com o juro do dinheiro: alcançado certo capital, ele próprio se multiplica e avulta. O conselheiro desfrutou essa vantagem, de maneira que, se no outro mundo lhe levassem à coluna dos pecados todos os que lhe atribuíam na terra, receberia dobrado castigo do que mereceu.^{xiv}

Em outro exemplo, Machado de Assis analisou detalhadamente a importância das posses materiais no processo das relações socioafetivas. Contando a história de Máximo – em *A mulher pálida* – um jovem estudante que sobrevivia com dificuldade no Rio de Janeiro, devido à escassez de rendimentos, expressou a supremacia do critério financeiro sobre os demais. Assim, ele descreveu o rapaz e sua condição financeira:

A casa era na Rua da Misericórdia, uma casa de sobrado cujo locatário sublocara três aposentos a estudantes. O aposento de Máximo era ao fundo, à esquerda, perto de uma janela que dava para a cozinha de uma casa [...]. Triste lugar, triste aposento, e tristíssimo habitante, a julgá-lo pelo rosto com que apareceu às pancadinhas do major. [...].

- Quem é? - ia dizendo a pessoa que abrira. E logo: - é o tio Bento.

A pessoa era um rapaz de vinte anos, magro, um pouco amarelo, não alto, nem elegante.

Tinha os cabelos despenteados, vestia um chambre velho de ramagens, que foram vistosas no seu tempo, calçava umas chinelas de tapete; tudo aseado e tudo pobre. O aposento condizia com o habitante: era o alinhado na miséria. Uma cama, uma pequena mesa, três cadeiras, um lavatório, alguns livros, dois baús, e pouco mais.^{xv}

Apesar de alinhado, o que significava civilizado, com todo o peso que essa palavra tinha a época, Máximo era um jovem pobre que vivia na carestia, o que seria a razão de sua infelicidade. Não só pelo fato de ser pobre, o que não era pouco, mas, sobretudo, devido às consequências amorosas que isso lhe trazia, pois era apaixonado por Eulália, que apesar de reconhecer certos 'dotes' no rapaz, como: o caráter, a inteligência, a capacidade de oratória e o romantismo, não o achava interessante e digno dela. Mesmo com o assentimento do pai, que passando por cima da pobreza do jovem via com bons olhos a possibilidade de casamento entre sua filha e Máximo, devido às suas demais qualidades, Eugenia não se entusiasmava à namorar com o estudante.

Porém, como era de se esperar de Machado uma reviravolta estava perto de acontecer. As batidas à porta, narradas na transcrição, eram o prelúdio de uma notícia desejosa a qualquer ser. Seu tio Bento trazia ao conhecimento de Máximo o fato de seu padrinho ter o feito herdeiro universal, de uma grande fortuna:

- Ingrato! bradou o major. Fez-te seu herdeiro universal.^{xvi}

[...]

Pudera! Uma herança de seiscentos contos, pelo menos. Mas daí à vertigem, ao estontear que o major previa, a distância era enorme. Máximo puxou de uma cadeira e sentou-se defronte do tio.^{xvii}

Transformado de pobre em rico, da noite para o dia, como nos contos de fadas, resolveu Máximo testar Eulália, verificando se ela manteria a rebeldia que o legava enquanto pobre depois de saber que havia se tornado rico.^{xviii}

Seis ou sete semanas depois, tornado de Iguaçu, a notícia da herança era pública. A primeira pessoa que o visitou foi o sr. Alcântara^{xix}, e força é dizer que a pena com que lhe apareceu era sincera. Ele o aceitara ainda pobre; é que deveras o estimava.

[...]

O sr. Alcântara deu a notícia à família. Um irmão de Eulália não se teve que não lançasse em rosto à irmã os seus desdêns, e, sobretudo, a crueldade com que os manifestara.

— Mas se não gosto dele, e agora? Dizia a moça.

E dizia isso arrebitando o nariz, e com um jeito de ombros, seco, frio, enfarado, amofinado.

— Ao menos confesse que é um moço de talento, insistiu o irmão.

— Não digo que não.

— De muito talento.

— Creio que sim.

— Se é! Que bonitos versos que ele faz! E depois não é feio. Você dirá que o Máximo é um rapaz feio?

— Não, não digo.

Uma prima, casada, teve para Eulália os mesmos reparos. A essa confessou Eulália que o Máximo nunca se declarara deveras, embora lhe mandasse algumas cartas.^{xx}

Deve lembrar o leitor que a descrição feita anteriormente de Máximo não era de um homem atraente, pois, apesar de poeta, inteligente e magro, não era elegante, em outras palavras, não era bonito. Mas como dizem: o dinheiro muda até a beleza do homem e, portanto, de deselegante passara Máximo, aos olhos do irmão e da prima de Eulália, a ser um indivíduo muitíssimo interessante. Com o tempo as coisas foram se transformando e de ignorado passou a pretendido:

- Quem é pobre não tem vícios. Esta frase ainda ressoava aos ouvidos de Máximo, quando já a pálida Eulália mostrava-se outra para com ele — outra cara, outras maneiras, e até outro coração. Agora, porém, era ele que desdenhava. Em vão a filha do Sr. Alcântara, para resgatar o tempo perdido e as justas mágoas, requebrava os olhos até onde eles podiam ir sem desdouro nem incômodo, sorria, fazia o diabo; mas, como não fazia a única ação necessária, que era apagar literalmente o passado, não adiantava uma linha; a situação era a mesma.

Máximo deixou de frequentar a casa algumas semanas depois da volta de Iguaçu, e Eulália voltou as esperanças para outro ponto menos nebuloso. Não nego que as noivas começaram a chover sobre o recente herdeiro, porque negaria a verdade conhecida por tal; não foi

chuva, foi tempestade, [...], qual mais bela, qual mais prendada, qual mais disposta a fazê-lo o mais feliz dos homens. Um antigo companheiro da Escola de Medicina apresentou-o a uma irmã, realmente galante, D. Felismina. O nome é que era feio; mas que é um nome? What is a name? Como diz a flor dos Capuletos.^{xxi}

Machado registrou que a riqueza do rapaz fizera chover pretendentes, o que confirma o valor dado às questões financeiras. Porém, uma outra questão se expressa pelo trecho “mas que é um nome? What is a name? como diz a flor dos Capuletos”. Será que Machado estava a demonstrar que a importância dos nomes de família, dos títulos de nobreza e de seus efeitos estavam a perder importância, devido às transformações impostas pelo romantismo e o ‘aburguesamento’ que a sociedade brasileira, supostamente, passava na segunda metade dos oitocentos?^{xxii} Será que os nomes estavam a ser substituídos pela força do dinheiro e pelas regras sociais de uma burguesia que, em teoria, se estabelecia como elite hegemônica? Infelizmente, o tempo e o espaço que esse texto me lega não permiti que enverede por essas searas, mas a pergunta é válida, sobretudo, por ter Máximo saído da pobreza e da obscuridade do nome à glória das famílias e das mulheres, devido a sua nova condição financeira.

Tomando mais um exemplo machadiano vemos ser reafirmado elementos já citados como desejados em um homem, mas, também, emergir mais uma característica. Na história *Antes que cases*, Machado de Assis fez a seguinte descrição de Alfredo, herói do conto:

Era um dia um rapaz de vinte e cinco anos, bonito e celibatário, não rico, mas vantajosamente empregado. Não tinha ambições, ou antes tinha uma ambição só; era amar loucamente uma mulher e casar sensatamente com ela. Até então não se apaixonara por nenhuma. Estreara algumas afeições que não passaram de namoricos modestos e prosaicos. O que ele sonhava era outra coisa.^{xxiii}

[...]

Do que vai dito até aqui não se conclua rigorosamente que Alfredo fosse apenas um habitante dos vastos intermúndios de Epicuro, como dizia o Diniz. Não; Alfredo não vivia sempre das suas quimeras. A outra viajava muito, mas a besta comia, passeava, londreava, e até (ó desilusão última!), e até engordava. Alfredo era refeito e corado devendo ser pálido e magro, como convinha a um sonhador da sua espécie. Vestia com apuro, regateava as suas contas, não era raro cear nas noites em que ia ao teatro, tudo isto sem prejuízo dos seus sentimentos poéticos. Feliz não era, mas também não torcia o nariz às necessidades vulgares da vida. Casava o devaneio com a prosa.^{xxiv}

A beleza física e as qualidades morais foram destacadas quando Alfredo foi apresentado como belo e celibatário, visto que a virgindade não tinha significado moral somente entre as damas, apesar de não ser indispensável aos homens. Da mesma forma,

a condição econômica aparecia como a outra parcela da equação, que completava as qualidades de um homem, quando dizia que apesar de não ser rico era bem empregado. Porém, o que surge em destaque nesse trecho é a apresentação de um homem romântico. Alfredo se rendia aos desígnios dos sentimentos, desejando uma relação conjugal marcada pelo amor mútuo e puro. Assim, percebe-se que não eram somente as damas que amavam idealizadamente, nem eram elas as únicas influenciadas por uma ideologia romântica, como afirmavam os médicos.

Seguindo com a exposição das representações de homem passemos a Valentim, de *Astúcia de Marido*. Nesse pequeno trecho selecionado, Machado de Assis faz uma representação resumida, mas complexa sobre as qualidades que se esperava encontrar em um ‘bom homem’ no século XIX. Valentim era um rapaz jovem, educado intelectualmente, a tal ponto que seria capaz de ganhar seu sustento pela prática da profissão, mas dispensava esse afazer por ser rico. A essas qualidades se juntava a beleza física e a virilidade máscula:

Valentim [...]. Era um rapaz de vinte e oito anos, formado em direito, mas suficientemente rico para não usar do título como meio de vida. Era um belo rapaz, no sentido mais elevado da palavra. Adquirira nos campos riograndenses uma robustez que lhe ia bem com a beleza máscula. Tinha tudo quanto podia seduzir uma donzela: uma beleza varonil e uma graça de cavaleiro. Tinha tudo quanto podia seduzir um pai de família: nome e fortuna.^{xxv}

Para concluir tomemos o herói do livro *Helena*, no qual Machado faz uma descrição densa de um homem ideal, que assim como a heroína do mesmo livro, a jovem Helena, não precisa de análises posteriores, devido a completude do retrato:

[...]. Não sendo grande talento, deveu à vontade e à paixão do saber a figura notável que fez entre seus companheiros de estudos. Entregara-se à ciência com ardor e afinco. Aborrecia a política; era indiferente ao ruído exterior. Educado à maneira antiga e com severidade e recato, passou da adolescência à juventude sem conhecer as corrupções de espírito nem as influências deletérias da ociosidade; viveu a vida de família, na idade em que outros, seus companheiros, viviam a das ruas e perdiam em coisas ínfimas a virgindade das primeiras sensações. Daí veio que, aos dezoito anos, conservava ele tal ou qual timidez infantil, que só tarde perdeu de todo. Mas, se perdeu a timidez, ficara-lhe certa gravidade não incompatível com os verdes anos e muito própria de organizações como a dele. Na política seria talvez meio caminho andado para subir aos cargos públicos; na sociedade, fazia que lhe tivessem respeito, o que o levantava a seus próprios olhos. Convém dizer que não era essa gravidade aquela coisa enfadonha, pesada e chata, que os moralistas asseveram ser quase sempre um sintoma de espírito chocho; era uma gravidade jovial e familiar, igualmente distante da frivolidade e do tédio, uma

compostura do corpo e do espírito, temperada pelo viço dos sentimentos e pela graça das maneiras, como um tronco rijo e reto adornado de folhagens e flores. Juntava às outras qualidades morais uma sensibilidade, não feminina e doentia, mas sóbria e forte; áspero consigo, sabia ser terno e mavioso com os outros.^{xxvi}

[...]

Tal era o filho do conselheiro; [...], é que ele não cedia nem esquecia nenhum dos direitos e deveres que lhe davam a idade e a classe em que nascera. Elegante e polido, obedecia à lei do decoro pessoal, ainda nas menores partes dela. Ninguém entrava mais corretamente numa sala; ninguém saía mais oportunamente.

Ignorava a ciência das nuças, mas conhecia o segredo de tecer um cumprimento.^{xxvii}

Realizada a exposição das representações de homem, percebe-se que o primeiro e, talvez, o mais importante critério de escolha do cônjuge era a riqueza. Com exceção do imaginário apresentado por Coutinho, as demais representações indicavam o desejo por homens que tivessem uma condição financeira, não só suficiente para o sustento da casa e da família, mas para a ostentação do luxo. De qualquer forma, todos os literatos concordavam que o homem devia ser o provedor do sustento da família.

Outra característica dita pertinente aos homens da elite branca, econômica e letrada era o fato de serem vaidosos ao ponto de valorizarem o luxo e a ostentação da riqueza material nas suas vestes e demais ornamentos. Isso ia em sentido contrário ao apontado pelos médicos, que destinavam a vaidade e o gosto pelo luxo como característica meramente femininas, mas em sentido análogo a modernização dos costumes, bem como a tradição das elites nordestinas de reafirmarem seu poder por meio da demonstração de seu distintivo financeiro. Entretanto, essa vaidade do *Sexo Varonil* não podia ser confundida a praticada pelas sinhás, visto que ela expressava uma virilidade – máscula. Isso ocorria por ser unânime entre os intelectuais da época que a primordial diferença físico-psicológica entre os homens e as mulheres era o fato dos primeiros serem fortes, corajosos e agressivos, enquanto as segundas frágeis e delicadas. Essa distinção de comportamento e personalidade justifica a crítica feita pelo médico baiano, Lino Coutinho, aos homens delicados e feminilizados.

Um homem devia, ainda, respeitar as regras sociais e os códigos morais. Seria nesse sentido que se valorizava o homem que tivesse sido bom filho e amigo. Uma vez que se imaginava que, sendo um filho respeitoso e um amigo leal, manteria esses códigos de conduta como marido e pai. Entre alguns grupos letrados surgiu o desejo de desenvolvimento do sentimento patriótico ou nacionalista, como símbolo de uma boa formação social. Entretanto, esse critério se apresentava, geralmente, entre os grupos mais radicais e influenciados por um iluminismo romântico e nacionalista, como o

italiano, o que era o caso de Lino Coutinho.

Defende-se, por fim, como ideal de homem um ser sábio, inteligente e bem formado intelectualmente, ou seja, instruído nos saberes das ciências e das artes da época. Somava-se a inteligência o desejo por homens belos fisicamente. Entretanto, tal beleza não significava aparência física, para a sorte dos feios. Na verdade, os homens deviam ser mais elegantes, cheirosos e charmosos do que bonitos; segundo a ciência médica, a beleza do homem se afirmava pelo estabelecimento de corpos saudáveis e fortes, mais comuns a seres jovens.

ⁱ Mestre em História Social pela UFBA. Link do Lattes: lattes.cnpq.br/0807275521288861. E-mail: jqcs9@yahoo.com.br

ⁱⁱ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 105.

ⁱⁱⁱ José Lino Coutinho foi um importante médico, político e literário baiano, que se destacou por escrever o mais famoso manual de educação feminina na Bahia do século XIX. APEBA, Seção Judiciária – Coutinho, Jose Lino. Inventário, ref. 01/105/157/04 (1836-1862), p. 36-44; e REIS, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador: FCJA/CEB, 2000, p. 230.

^{iv} COUTINHO, José Lino. *Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um Cathecismo moral, político e religioso*. Bahia: Typografia de Carlos Poggetti, 1849.

^v *Ibidem.*, Carta XXXI, p 111.

^{vi} *Ibidem.*, Carta XXXI, p 112.

^{vii} *Ibidem.*, Carta XXXI, p 112.

^{viii} REIS, Adriana Dantas. Op. Cit., pp. 199-206.

^{ix} COUTINHO, José Lino. Op. Cit., Carta XXXI, p 113.

^x *Ibidem.*, Carta XXXI, p 113.

^{xi} *Ibidem.*, Carta XXXI, p 114.

^{xii} REIS, Adriana Dantas. Op. Cit., pp. 137-140.

^{xiii} COUTINHO, José Lino. Op. Cit., Carta XIII, p 86.

^{xiv} Machado de Assis. Helena, p 12. In: *Obra Completa, de Machado de Assis*. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

^{xv} Machado de Assis. A Mulher Pálida, p. 1. In: Machado de Assis. Op. Cit.

^{xvi} *Ibidem.*

^{xvii} *Ibidem.*

^{xviii} *Ibidem.*

^{xix} Nota minha: o Sr. Alcântara é o pai de Eulália.

^{xx} Machado de Assis. A Mulher Pálida, p. 6. In: Machado de Assis. Op. Cit.

^{xxi} *Ibidem.*, p. 6-7.

^{xxii} D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PIORI, Maria (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

^{xxiii} Machado de Assis. Antes que Cases, p. 1. In: Machado de Assis. Op. Cit.

^{xxiv} *Ibidem.*

^{xxv} *Ibidem.*, p. 2.

^{xxvi} Machado de Assis. Helena, p 5 e 6. In: Machado de Assis. Op. Cit.

^{xxvii} *Ibidem.*